




REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS  
E-ISSN 2358.6958

## Extra, extra! Uma burleta de Artur Azevedo e Eduardo Garrido foi publicada!

Daniela de Castro Lima  
Roger Ferreira Xavier

Para citar esta Resenha:

LIMA, Daniela de Castro; XAVIER, Roger Ferreira. Extra, extra! Uma burleta de Artur Azevedo e Eduardo Garrido foi publicada! **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 55, ago. 2025.

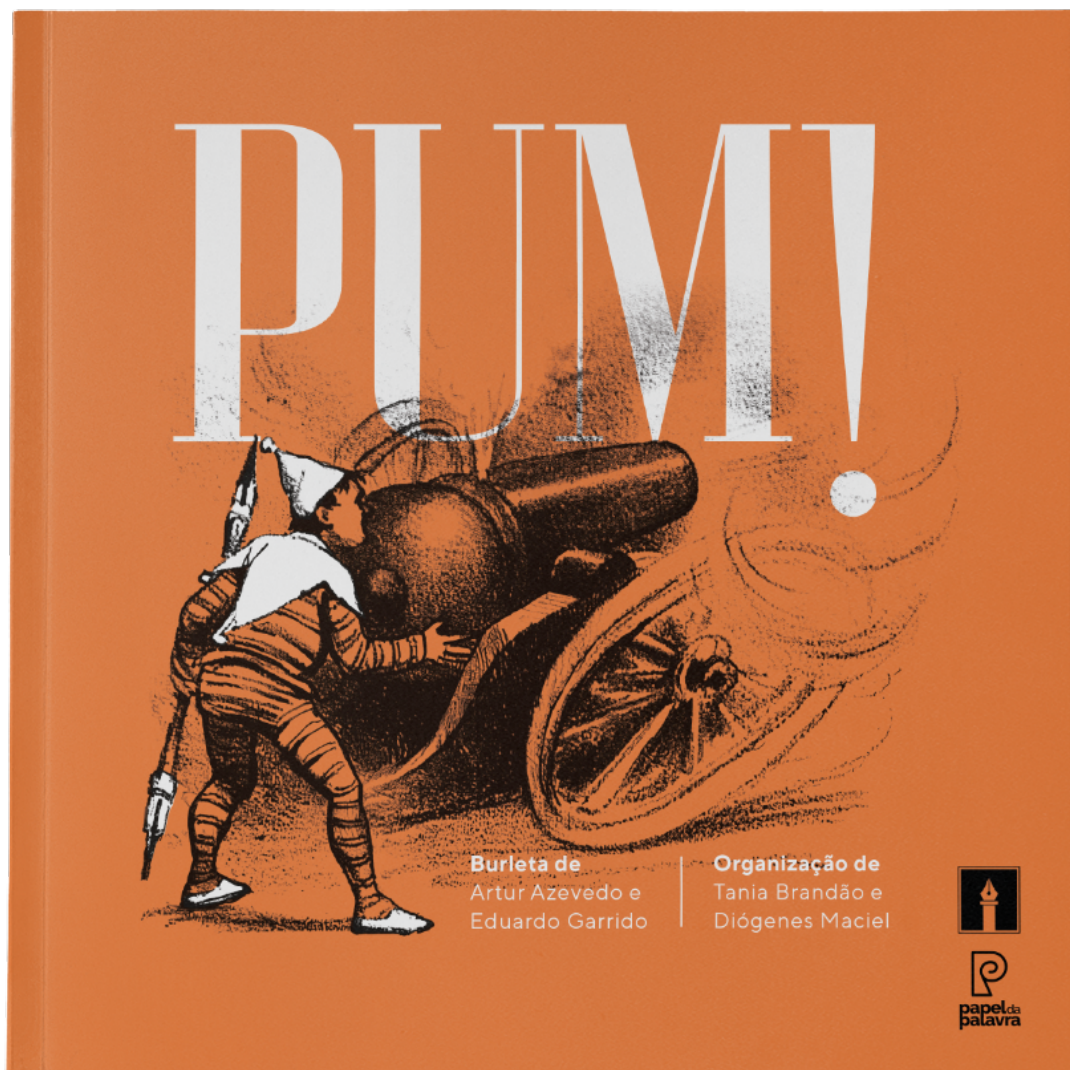
 DOI: 10.5965/1414573102552025e0802



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)

## Resenha da obra

AZEVEDO, Artur; GARRIDO, Eduardo. *Pum!*. Org. Tania Brandão e Diógenes Maciel. Campina Grande: Papel da Palavra, 2024. 228 p.





## Extra, extra! Uma burleta de Artur Azevedo e Eduardo Garrido foi publicada!

Daniela de Castro Lima<sup>2</sup>  
Roger Ferreira Xavier<sup>3</sup>

### Resumo

Resenha da burleta *Pum!*, de Artur Azevedo e Eduardo Garrido. Trata-se de uma dramaturgia inédita, escrita e encenada em fins do século XIX, no Brasil, sob o contexto da Revolta da Armada (1893-1894). A obra é resultado de uma pesquisa feita pela historiadora Tania Brandão, em parceria com o professor Diógenes Maciel, que resgataram e editaram a peça antes nunca publicada, cuja sobrevivência no tempo se deu no arriscado trânsito entre gavetas, acervos e mãos. Com a publicação de *Pum!* pela Editora Papel da Palavra (2024), leitores, estudantes e artistas de teatro poderão se deleitar com uma obra que chega para reiterar a força do teatro nacional de tradição cômica, musicada e popular.

**Palavras-chaves:** Publicação de dramaturgia. Artur Azevedo. Eduardo Garrido.

## Extra! Extra! A burlette by Artur Azevedo and Eduardo Garrido just published!

### Abstract

Review of the burlette *Pum!*, a play by Artur Azevedo and Eduardo Garrido. This is an unpublished play, written and performed in the late 19th century in Brazil, in the context of the Armada Revolt (1893-1894). The work is the result of a research carried out by the historian Tania Brandão, in partnership with professor Diógenes Maciel, who together rescued and edited a previously unpublished brazilian burlette, whose survival over time occurred through the risky transit between drawers, collections and hands. With the recent publication of *Pum!* by Editora Papel da Palavra (2024), readers, students and theater artists will be able to delight in a work that reinforces the greatness of the national theater with its comic, musical and popular tradition.

**Keywords:** Publication of dramaturgy. Artur Azevedo. Eduardo Garrido.

## ¡Extra! ¡Extra! ¡Una burleta de Artur Azevedo y Eduardo Garrido acaba de ser publicada!



### Resumen

Reseña de la burleta *Pum!*, obra de Artur Azevedo y Eduardo Garrido. Se trata de una obra inédita, escrita y representada a finales del siglo XIX en Brasil, en el contexto de la Revuelta de la Armada (1893-1894). La obra es el resultado de una investigación realizada por la historiadora teatral brasileña Tania Brandão, en colaboración con el profesor Diógenes Maciel, quienes rescataron y editaron una burleta brasileña inédita, cuya supervivencia a lo largo del tiempo se produjo mediante el arriesgado tránsito entre los cajones, las colecciones y las manos. Con la reciente publicación de *Pum!* de la Editora Papel da Palavra (2024), lectores, estudiantes y artistas teatrales podrán deleitarse con una obra que refuerza el teatro nacional con su tradición cómica, musical y popular.

**Palabras clave:** Publicación de dramaturgia. Artur Azevedo. Eduardo Garrido.

---

1 Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Bruna Falcone Zauza. Especialista em revisão textual pela Editora Unesp. Graduação em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

2 Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestrado em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Bacharelado em Interpretação Teatral pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).  limadanielac@outlook.com  
 <http://lattes.cnpq.br/0286583160715406>  <https://orcid.org/0000-0002-1326-3040>

3 Doutorando em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestrado em Artes Cênicas (UNIRIO). Graduação em Letras pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).  
 dossie.oscomediantes@edu.unirio.br  
 <http://lattes.cnpq.br/3750320420840062>  <https://orcid.org/0000-0002-3803-0139>



Quando uma peça teatral escrita e representada em fins do século XIX, no Brasil, ressurgiu, hoje, como inédita após transcorridos mais de cem anos da sua criação original, nos deparamos com uma das mais engenhosas conquistas empreendidas pela historiografia teatral: aquela que nos possibilita o exercício estético de reler fatos do passado com um frescor semelhante a uma estreia de teatro. É precisamente essa experiência que os organizadores Tania Brandão e Diógenes Maciel, por intermédio de um refinado trabalho de pesquisa, nos proporcionam com a recente publicação da burleta *Pum!*, uma peça teatral escrita conjuntamente pelos dramaturgos Artur Azevedo (1855-1908) e Eduardo Garrido (1842-1912) em 1893.

Trata-se de uma peça teatral inserida em nossa tradição do teatro cômico-popular e musicado, que foi levada à cena pela primeira vez no Teatro Apollo, no Rio de Janeiro, em 1894. Posteriormente, foi montada também em Portugal, no Teatro da Trindade de Lisboa, em 1903. Sobre o manuscrito original da peça, então nunca publicado, sobreviveu a narrativa de que o texto teria desaparecido, assim como outras peças de Artur Azevedo conhecidas por nós apenas por notas<sup>4</sup> e anúncios dos espetáculos em jornais da época. Apesar das variadas peripécias que envolvem o desaparecimento do referido texto teatral ao longo desses anos, fomos, enfim, contemplados com a sua publicação pela editora Papel da Palavra, em 2024.

Afinal, do que se trata essa peça cujo brevíssimo título, constituído por três letras e uma exclamação, suscita, não sem alguma ironia, o som consequente de uma explosão? Dialogando diretamente com a vida social e política do Rio de Janeiro do final do século XIX, a peça de Artur Azevedo e Eduardo Garrido centraliza o tema da Revolta da Armada (1893-1894) e captura o momento histórico em que os oficiais da Marinha brasileira, liderados por Custódio de Mello, se rebelaram contra o governo de Floriano Peixoto, ameaçando a população e a cidade com bombardeios disparados pelos navios revoltosos alocados na Baía de Guanabara.

---

<sup>4</sup> Destaque para a coletânea de obras teatrais escritas por Artur Azevedo no âmbito da coleção Clássicos do Teatro Brasileiro, organizada pelo INACEN. Ver: Azevedo, 1983.

O texto de introdução à edição, de autoria da historiadora Tania Brandão, revela para nós, leitores, uma chave de leitura fundamental para as obras de Artur Azevedo e, especialmente, para a fruição de *Pum!*: a estreita relação entre o palco e a imprensa do período. Tendo como pano de fundo a Revolta da Armada, a peça apresenta uma cena popular muito colada à realidade vivida da época, como os bombardeios, o cotidiano urbano e a repercussão do estado de sítio em si. Vale destacar uma observação interessante feita por Tania Brandão em torno da imprensa ao considerar os jornais como importantes fontes de estudo para o teatro. A historiadora observa, a partir do caso de Artur Azevedo, que a imprensa pode ser vista sob duas perspectivas: hoje, o jornal é fonte de pesquisa para o historiador e foi, para o dramaturgo naquela época, “um lugar privilegiado, existencial e profissional, para a concepção de sua obra” (Brandão, 2024, p.12).

A reflexão de Tania Brandão é motivada pela vivência de Artur Azevedo nas redações dos jornais. A saber, Azevedo escrevia para teatro ao mesmo tempo em que trabalhava em muitos periódicos cariocas, o que permite considerar a existência de uma cumplicidade nada ingênua entre as redações dos jornais e os palcos teatrais, os espetáculos em cartaz, o olhar da crítica, a recepção do público etc. Esse debate é desvelado por Brandão em texto que também discorre sobre o teatro de variedades e a confusa classificação de *Pum!*, obra que foi apresentada nos jornais com nomenclaturas diversas, tais como comédia musicada, opereta, *vaudeville* e revista. A partir de sua pesquisa e levantamento de dados históricos sobre esses gêneros, a organizadora chega à fixação da obra como uma burleta, justamente pelo caráter de transgressão do gênero popular.<sup>5</sup>

Estruturada em três atos e seis quadros que mesclam diálogos dramáticos e canções, *Pum!* apresenta a fábula de um amor correspondido e proibido entre os jovens Lainha e Cazuza. O primeiro ato situa a impossibilidade da união, posto que Lainha está prometida em casamento ao vendeiro Joaquim em razão de evidentes interesses financeiros de Anacleto, pai da moça. O quiproquó se estabelece em

---

<sup>5</sup> Há também um estudo realizado pela pesquisadora Larissa de Oliveira Neves intitulado “Ode ao teatro musical em quatro etapas: um prólogo e um epílogo”, publicado na revista *Urdimento*, em 2021, que discorre sobre os caminhos históricos de abasileiramento dos gêneros musicados e populares no final do século XIX.

torno de desencontros amorosos – ou de encontros às escondidas: enquanto Lainha namora secretamente Cazuza, Joaquim corteja Mônica, empregada e agregada da família de Anacleto, que, por sua vez, sonha em se casar com Joaquim.

Os dois jovens enamorados contam com a ajuda e cumplicidade da mulata Mônica e juntos articulam um plano para impedir o casamento de Lainha com o vendeiro Joaquim. A solução encontrada é o disfarce, que instaura a farsa como elemento de comicidade na trama. Cazuza se incumbiu de informar ao pretor<sup>6</sup> sobre o adiamento do casamento a fim de que ele não compareça ao evento. O jovem apaixonado se veste, então, de pretor e faz da cerimônia civil apenas uma simulação. Em seguida, Cazuza promete a Lainha: “O religioso não se efetuará! Tenho cá uma ideia! O que é preciso é que consintas nesta comédia, e que estejas prevenida para não entornarmos o caldo quando me vires entrar de barbas postiças” (Azevedo e Garrido, 2024, p. 62). Com o consentimento da amada, a farsa do casamento civil acontece em meio a divertidas peripécias.

O impedimento do casamento religioso, por sua vez, ocorre devido à instauração de um conflito paralelo à trama: Pum!!! Um tiro do navio *Aquidabã* é disparado contra a cidade. Interrompe-se o casório em razão da fuga das personagens, que partem do Morro do Castelo para a bucólica Tijuca em busca de refúgio contra os ataques dos revoltosos. O segundo ato da peça tem início com uma gradativa, e cômica, invasão de um amontoado de desconhecidos na sossegada e afastada chácara de Bibiano, morador pacato e solitário da Tijuca, alheio à política e aos acontecimentos imediatos da cidade. A agitada aglomeração fornece novas possibilidades para as armações de Cazuza, que acaba encontrando nessa ocasião uma maneira de impedir o indesejado casamento de Lainha com o vendeiro. Sob novos disfarces, Cazuza conduz Anacleto, pai de Lainha, a flagrar as investidas do genro Joaquim direcionadas à Mônica:

ENGRÁCIA – Meu marido traz Mônica pela mão! Parece que adivinho! Será possível?

ANACLETO (*trazendo Mônica pela mão*) – Patife! Desavergonhado! Se o apanho!

ENGRÁCIA – Que foi, meu marido?

ANACLETO (*pasmo*) – Senhora! Seu Joaquim estava na estrebaria com a Mônica!

<sup>6</sup> “Juiz inferior ao Juiz de Direito, responsável pela realização dos atos civis de nascimento, casamento e morte” (Azevedo e Garrido, 2024, p. 61, nota dos organizadores).



TODOS – Oh! (Azevedo e Garrido, 2024, p.159-160).

No terceiro e último ato, a ação dramática retorna para o Morro do Castelo, ambientação inicial da peça. Mediante os reconhecimentos que desvelaram as reais intenções dos jovens apaixonados, a fábula termina com a celebração de um duplo casamento que uniu Lainha a Cazuza e Mônica a Joaquim, com direito a bebidas e canções. Essa trama entre mocinhos, ingênua em sua aparência, é engrenada e matizada pelos conflitos de uma cidade envolta em guerra, uma realidade imediata que os dramaturgos souberam iluminar pela sátira e pelo riso. Aliás, o trabalho conjunto de Artur Azevedo e Eduardo Garrido impressionou a crítica e, agora, surpreenderá o leitor com a unidade e a graça de um texto teatral escrito a quatro mãos. Merecem destaque, ainda, as músicas de autoria do Maestro Assis Pacheco, que recheiam, colorem e divertem a trama ao gosto do público teatral oitocentista da cidade do Rio de Janeiro.

Uma característica digna de nota, que reitera a extensão da “voz do povo” colada ao palco, são as constantes referências e menções a lugares, artistas e personalidades da vida social carioca ao longo dos diálogos, principalmente aqueles situados cenicamente nas praças e nas ruas. Levar a vida cotidiana aos palcos é mesmo uma marca de Artur Azevedo. Com isso, sua escrita teatral permite construir críticas sociais, humor e sintonia com a plateia por meio dessas inserções possíveis. Nesse sentido, há uma curiosa variante do metateatro em *Pum!*. Por exemplo, no primeiro ato, o personagem Joaquim, logo após ter sido furtado, encontra-se às vésperas do seu casamento sem a sua casaca para entrar na igreja e se casar com Lainha. Quando perguntado se já estaria se vestindo, responde: “Só me falta o raio da casaca! Fui pedir emprestada acolá ao Jô, que é *esse cômico do Apollo, que tem o meu corpo exatamente*, mas o homem, coitado, teve que vender há dias a casaca: diz que, com este negócio da Revolta, a empresa não lhe dá vintém” (Azevedo e Garrido, 2024, p.74, *itálicos nossos*). A fala de Joaquim levanta suspeitas sobre quem, de fato, seria esse tal Jô. Seria um apelido ou abreviação de seu nome? A brincadeira se adensa quando Joaquim, ao mencionar “esse cômico do Apollo”, está proferindo essas palavras justamente sobre o tablado do próprio Teatro Apollo.

Esse enredo se desenrola com a modesta presença de 31 personagens, além dos figurantes. De acordo com as fichas técnicas das duas montagens brasileiras, no ano de 1894, nenhum ator ou atriz duplicou papel. Essa observação é mesmo uma provocação para dilatar as pupilas dos produtores das montagens contemporâneas, cuja tendência de reduzir o elenco tem se tornado quase uma regra inarredável. Essa observação se mostra ainda mais perturbadora se pensarmos que, mesmo em clima tropical de guerra, as companhias populares conseguiam, a duras penas, manter o cartaz e as folhas de pagamento. Numa olhada rápida no elenco das montagens de 1894, exposta na edição de *Pum!*, reluz nomes de atores e atrizes como Rosa Villiot, Xisto Bahia, João Colás e Pedro Nunes. Astros e estrelas do teatro popular brasileiro que são talvez um dos elementos de maior destaque na redação das críticas teatrais à moda antiga.

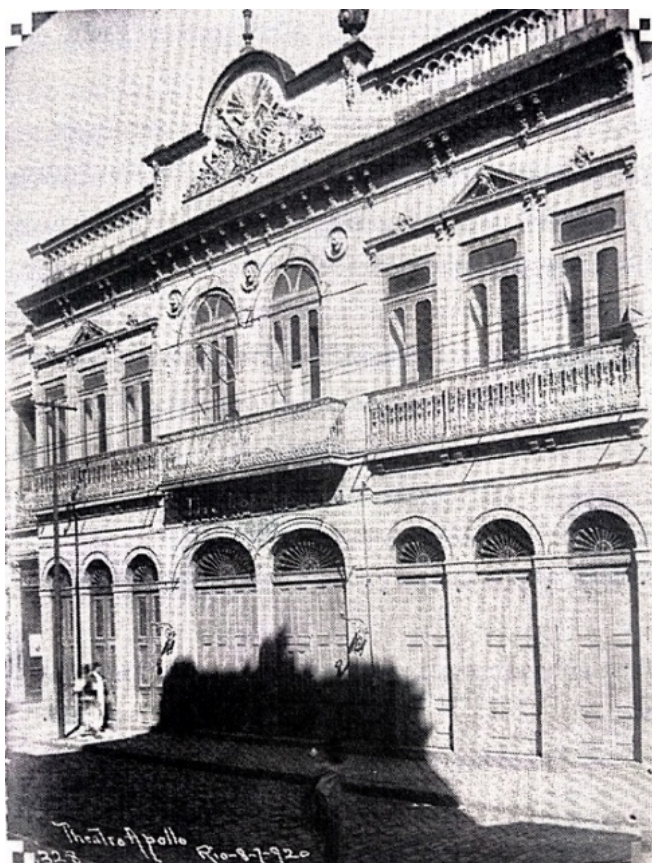
É possível dizer que a edição da obra é convidativa à leitura de dramaturgia. Pensar na publicação de texto teatral nos dias de hoje implica também pensar no leitor e, conseqüentemente, na diagramação de modo que torne a leitura uma experiência agradável e fluida. A diagramação de *Pum!* intercala texto dramático com imagens de arquivo e espaços de “respiro” entre as canções e os diálogos das personagens, permitindo ao leitor, inclusive, inserir anotações de próprio punho, conforme o seu interesse. Pode-se dizer que essa edição também exerce uma contribuição específica para a área da historiografia teatral brasileira, na medida em que apresenta um considerável material crítico composto por texto introdutório, imagens, críticas teatrais, além de uma série de notas de rodapé dispostas nas páginas da peça capaz de elucidar o leitor acerca dos fatos históricos que circunstanciaram a criação da burleta *Pum!*.

Gostaríamos de destacar o refinado trabalho dos organizadores dessa edição. O apuro historiográfico reside no cuidado para que o leitor não perca de vista a interpretação de nenhum detalhe datado. Por exemplo, no mencionado diálogo do personagem Joaquim, sua fala é acompanhada de duas notas de rodapé substanciais, contextualizando os leitores a respeito tanto sobre a edificação do Teatro Apollo quanto sobre a má situação financeira dos teatros e companhias que afetava os atores de menor prestígio. A página seguinte é enriquecida com a



inclusão de uma fotografia da fachada do Teatro Apollo (1895-1916), de autoria de Augusto Malta. Esses e outros detalhes da edição tornam a leitura de *Pum!* uma experiência única de fruição para além do ineditismo do texto em si. A publicação é um sofisticado convite aos encantos que a dramaturgia e a história do teatro brasileiro têm a nos oferecer em explosão de amor e não à guerra.

Figura 1 - Teatro Apollo (1895-1916), de Augusto Malta.  
Fonte: Azevedo e Garrido, 2024, p. 75.



## Referências

AZEVEDO, Artur; GARRIDO, Eduardo. *Pum!*. Org. Tania Brandão e Diógenes Maciel. Campina Grande: Papel da Palavra, 2024. 228 p.

AZEVEDO, Artur. Teatro de Artur Azevedo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 1983.

BRANDÃO, Tania. “O *Pum!*, a história do teatro, a academia e o ar das ruas”. In: AZEVEDO, Artur; GARRIDO, Eduardo. *Pum!*. Org. Tania Brandão e Diógenes Maciel. Campina Grande: Papel da Palavra, 2024. 228 p.



Extra, extra! Uma burleta de Artur Azevedo e Eduardo Garrido foi publicada!  
Daniela de Castro Lima | Roger Ferreira Xavier

NEVES, Larissa de Oliveira. Ode ao teatro musicado nacional em quatro etapas, um prólogo e um epílogo. *Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 41, set. 2021.

Recebido em: 03/06/2025

Aprovado em: 08/06/2025

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC  
Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC  
Centro de Arte, Design e Moda – CEART  
*Urdimento* – Revista de Estudos em Artes Cênicas  
[Urdimento.ceart@udesc.br](mailto:Urdimento.ceart@udesc.br)